

SERIA CÔMICO, SE NÃO FOSSE TRÁGICO: O FUXICO E O CANGAÇO

Manoel Neto¹

RESUMO

O hábito ou mau hábito, como preferem alguns, de fuxicar, de falar da vida alheia, ou seja, esse velhíssimo costume presente em todas instâncias da vida brasileira, urbana ou rural – porque os ricos, os cultos, os eruditos também fofocam – contribui, muitas vezes, para enriquecer a narrativa histórica, o folclore e o imaginário nacional.

No Cangaço não foi diferente. O estranho, contudo, é que as futricas que foram determinantes para melindrar relações e provocar conflitos sangrentos naquele universo, já potencialmente violento, sejam citadas como aspecto apenas circunstancial na numerosa e diversificada bibliografia sobre a temática, salvo uma ou outra exceção.

Este artigo se propõe a demonstrar que certos fatos, quando contextualizados, desmentem que a cizânia, pode provocar além de simples inimizades, tragédias que maculam para sempre a vida e a consciência dos envolvidos em tais tramas.

PALAVRAS-CHAVE: Fuxico; Cangaço; Discórdia; Violência.

ABSTRACT

The habit or bad habit, as some prefer, of gossiping, talking about other people's lives, that is, this age-old custom present in all instances of Brazilian life, urban or rural - because the rich, the educated, the scholars also gossip - contributes, often to enrich the historical narrative, folklore and Brazilian imagination.

In Cangaço it was no different. The strange thing, however, is that the futricas that were instrumental in hurting relationships and provoking bloody conflicts in that already potentially violent universe are mentioned as only a circumstantial aspect in the numerous and diversified bibliography on the subject, with some exceptions.

This article aims to demonstrate that many facts belie, when contextualized, that weeds, seen from the point of view of the moral and ethical formation of groups or individuals, can provoke, beyond simple enmities, but tragedies that stain life and conscience forever of those involved in such plots.

KEYWORDS: Fuxico; Cangaço; Discord; Violence.

¹ Historiador. Coordenador do Centro de Estudos Euclides da Cunha – CEEC/UNEB.

INTRODUÇÃO

“O fuxico é do mal, currixiado
Mexerico onde a tal maldade reina
É a mentira espalhando o seu reinado
É a calúnia que próprio diabo treina.”²

Lembro como se fosse ontem que ainda menino, curioso e indagando aos adultos sobre assunto que eles julgavam não fosse da minha alçada, recebia como resposta a dura sentença, pronunciada pelo repressor com cenho carrancudo: “quem muito quer saber, mexerico quer fazer”! O autor da intromissão indébita, infante, jovem ou maduro, em menor ou maior escala, poderia ser acusado de intentar fuxico, bisbilhotice, intriga, futrica, fofoca, zuzzunzum, falatório, coscuvilhice etc. Outras conotações menos lesivas a moral e, ao contrário, poéticas e românticas são admitidas como emblemas do vocábulo, tais como: amor, xodó, namorico, paixoneta, chamego, flerte, galanteio e por aí vai. Tais significados que recolhemos na internet, são confirmados no Dicionário Houaiss, à página 1410³, onde o verbete é classificado como substantivo, lhe equivalendo complementarmente a definição de brasileiro, isto é, próprio do português brasileiro.

Ao prosseguirmos bisbilhotando sobre o assunto encontramos mais informações sobre a etimologia e histórico da palavra. Anotamos:

“o fuxico teria surgido nos tempos coloniais, no nordeste brasileiro, pela necessidade que as escravas tinham em reaproveitar os retalhos dos tecidos das Senhoras, uma vez que, que na época, tecido era produtos de luxo, geralmente finos e vinham já confeccionados da Europa, em navios. A corte doava aos escravos as roupas velhas, estando certamente por esta razão costumeiramente “associado à comunidades de baixa renda, mas com a introdução de diversas técnicas artesanais na moda e na decoração, ele começou a ser mais valorizado e utilizado. A palavra “fuxico” é de origem africana e significa “remendo”, “alinhavo com agulha e linha”⁴”.

² MAIA, Merlânio. <http://poesianordestina.blogspot.com/2018/12/o-fuxico.html> . Acesso em: 07/11/2021.

³ HOUAISS, Antonio. Dicionário da Língua Portuguesa.

⁴ BORGES, Lais Velloso. As Fuxiqueiras no Mercado do Artesão no Município de Alagoinhas-Ba: Mulheres, Linhas e Retalhos Insubmissos ao Capitalismo Patriarcal. Seminário Interlinhas v.7 n. 1, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/asipc/article/view/7637>. Acesso em: 07/11/2021.

Muito embora o vocábulo possua abundante sinonímias e significados, no uso coloquial, mormente, entre os baianos, prevalece a ideia da conversa intencionalmente malévola, provocada com fins escusos, cujo objetivo final é ensejar conflitos entre indivíduos ou grupos sociais, sejam eles familiares, vizinhos, colegas de trabalho, como também, envolvendo agremiações coletivas em disputa, etc. Enfim, constitui-se em arma de grosso calibre e longo alcance.

Por outro lado, a prática do fuxico exige uma metodologia. O fuxiqueiro há que se valer de subterfúgios e digressões, conectando habilmente a informação que deseja transmitir – falsa ou verdadeira, boa ou ruim – mencionando outros assuntos de interesse do seu interlocutor. Necessita igualmente passar a impressão que está despejando no ouvido do outro, segredo o qual somente está compartilhando por absoluta confiança, inflando o ego do seu “cúmplice”. A escolha do primeiro ouvinte exige do transmissor da verrina a certeza de que o escolhido é gente do ramo, apreciador de futricar a vida alheia, ou seja, pessoa, a qual, dará curso ao conteúdo lhe transmitido na surdina.

Considere-se ainda ser o ato de fuxicar costume antigo, disseminado culturalmente entre as diversas classes sociais – ressalve-se que o saudoso mestre Ariano Suassuna – com seu habitual senso de humor afirmava que fuxico era coisa de pobre, pois rico fazia mesmo era fofoca, presuntivamente substantivo menos vulgar, mais chic.

Tais pressupostos e curiosidades, todavia, por si só, apesar de trazerem esclarecimentos essenciais sobre a etimologia do termo, sua historicidade e amplitude conotativa, constituem apenas descrições genéricas, desatendendo por consequência o objetivo principal deste artigo de situar este fenômeno antropológico, etnográfico e sociológico, como fator de relevância em muitas ocasiões, principalmente quando ultrapassam espaços restritos e desempenham papel estratégico na origem, enredo e desfecho de alguns acontecimentos históricos, caso específico destas linhas.

Identificando nas consultas em documentos primários, fontes bibliográficas e nos relatos orais para a redação de outros trabalhos, registros incontáveis sobre fuxicarias provocadoras de trágicos resultados para as vítimas dessas aleivosias, optamos por nos fixar no mundo do Cangaço, devo dizer, configurado temporalmente para o período do desembarque de Lampião em solo baiano, agosto de 1928, até o epílogo sombrio da morte de Corisco e aprisionamento de Dadá em 1940, na Chapada Diamantina, na Bahia.

Foi uma decisão preconcebida a inclusão de estrofes e ditados no corpo textual, por entendermos haver uma percepção evidente e profunda nestas formas de pronunciamentos populares no tocante ao tema, inferindo nas seus escritos e falas, a extensão social atingida por este comportamento e os seus prováveis ou previsíveis danos, com agravo pronunciado no meio cangaceiro, rotineiramente tenso e pautado mais no “confiar desconfiando”, portanto, com efeitos quase sempre ferais, para estas inconfidências de ocasião ou premeditadamente veiculadas.

Cumprido de antemão dar conhecimento aos leitores ao fato de que em inumeráveis momentos a treta se processa ao pé do ouvido, inexistindo obviamente escrituras sobre o conversê original, daí surgirem diferentes versões no repassar vicioso do apalavrado em muitas leituras e audiências terceirizadas nas transversais do tempo. Por conseguinte, foi um risco calculado, admitirmos pequenas dissidências narrativas sobre os fatos, ao constarmos em nossas consultas a presença deles de um para outro narrador.

Acreditamos na correção desse proceder metodológico, visto que, as repetições confirmam a veracidade dos acontecimentos, sem alteração substancial da ocorrência em si, não pondo assim em perigo a credibilidade do passado recomposto neste espaço. No caso o verdadeiro afirma-se pela repetição assemelhada e não semelhante.

Chegando “aos finalmente” como dizia Odorico Paraguassú, genial personagem criado por Dias Gomes para a telenovela “O Bem-Amado”, ratificamos nossa pretensão de conceituarmos o avelhentado costume muito além de bisonho cacoete dos antigos, mas como traço cultural dos mais genuínos da nossa nacionalidade.

CONVERSA DE UM VELHO CATINGUEIRO

O escritor pesquisador, compositor, radialista, político e palestrante, Alcindo Alves Costa, viu a luz nos sertões sergipanos, em 17 de junho de 1940 e deixou o mundo no qual sempre viveu e pelejou, em primeiro de novembro de 2012⁵. Sua ausência física, entretanto, não se tornou um espaço vazio. Filho amantíssimo de sua terra natal dedicou-se desde muito jovem a estudá-la e compreendê-la na sua

⁵ Alcindo nasceu na cidade de Poço Redondo, município situado as margens do Rio São Francisco. Ali elegeu-se prefeito por três vezes, sem jamais abdicar de suas atividades como produtor cultural. Deixou publicado sobre o cangaceirismo “Lampião Além da Versão - Mentiras e Mistérios de Angico”; “O Sertão de Lampião” e “Lampião em Sergipe”. Contou também a história do seu pequeno burgo ao publicar “Poço Redondo - A Saga de um Povo”. Muitos dos seus trabalhos continuam inéditos.

diversidade, nos legando como resultados intelectuais do seu esforço de autodidata, uma obra caracterizada pela boa escrita e por irrefutável credibilidade.

Este sertanejo usuário do pseudônimo “Caipira de Poço Redondo”, no seu livro “Lampião Além da Versão. Mentiras e Mistérios de Angico”, no II Capítulo, intitulado Tipos Sertanejos, à página 103, em tópico denominado “Fuxico Uma Peste que Assolou o Sertão”, afirma de maneira contundente e indignada os prejuízos advindos da maledicência, inclusive, comparando-a a males maiores que atingiam os sertanejos. Vamos ao queixume e lamentação de Alcindo Costa:

O fuxico foi seguramente um dos maiores flagelos do sertão. A ele se compara a seca, ao bandido e a volante. Mas, com certeza, as intrigas e os mexericos foram os maiores inimigos daquele povo. Muito além do cangaceiro, das “forças” e do coronel.

Poderíamos citar vários episódios que desgraçaram pessoas e famílias sertanejas, arrastadas para a tragédia, seduzidas e impulsionadas pela mentira, mesquinhez e infâmia.

Os casos e medonhos acontecimentos não foram esquecidos. As injustiças estão, ainda vivas e amargas, no meio de familiares e remanescentes daqueles tristes tempos. (COSTA, 2011, p. 103).

Pondero, todavia, haver na textualização do prestigioso escritor um desequilíbrio no que concerne à importância do peso social da intriga, comparativamente colocada num plano superior, aos grupos e indivíduos confrontantes naquele período. Até porque animosidades desdobradas em confrontos violentos, os quais, pautavam a vida sertaneja, advinham dos remotos tempos da colonização ibérica, matizada pela sangria dos povos autóctones expropriados e expulsos dos territórios que habitavam. Os europeus, especialmente portugueses, legitimados em suas ações pela Coroa lusitana, principal fiadora daqueles expurgos e assassinatos, indisfarçadamente interessada em possíveis descobertas de veios minerais nos terrenos conquistados aos indígenas, conspiravam almas, laceravam corpos e apropriavam-se de tudo que lhes parecia valioso.

Adiante, outra razão, daria curso a ocupação dos interiores, desta feita impondo uma permanência mais sedentária dos invasores: a criação de gado e o estabelecimento de currais e acomodações para a vaqueirama, fatores primaciais na abertura de novos caminhos e modestos ajuntamentos humanos, originários de futuras vilas e cidades. Era a “civilização do couro” dando seus primeiros passos.

Em conversa telefônica travada com o escritor e pesquisador Rangel Costa, no dia 12/11/2021, filho do Alcindo e atual responsável pelo Memorial que leva o nome

do seu pai, em Poço Redondo, ele nos contou que a ênfase com a qual seu genitor aborda o fuxico, se explica em grande parte por sua vivência de sertanejo, onde as narrativas de contendas familiares e públicas, associavam-nas muitas vezes, a perfídia, falsos testemunhos e intrigas deliberadas por causas pessoais – entre elas a vingança contra desafetos – ambições financeiras e, em múltiplos ensejos, com o fito de agradar os beneficiários e garantir proteção para si e os seus. Era o jogo disputadíssimo pela sobrevivência, para o qual cada indivíduo, família ou classe social, usava a estratégia que mais lhe conviesse e funcionasse eficientemente quando acionada.

Como para ilustrar seu discurso, Alcindo exemplifica vários casos lúgubres, nos falando então dos “brutais episódios como a morte de Zé Joaquim, Braúlio, Brió, Antonio Canela e muitos outros que enlutaram o sertão nordestino⁶. Em tais situações extremas, incluía-se também um sentimento com alto teor de passionalidade. Consideremos a palavra de outra autora: “Durante vinte anos estudei e pesquisei o banditismo, como um fenômeno social. Com êsses estudos, deduzi que o ódio rude é pior do que o flagelo das sêcas e das enchentes”.⁷ Seria impróprio aduzir que o ódio é combustível para a difamação e vice-versa? Julgamos que não.

Mas não só o siso e a tristeza acompanham a bisbilhotice, ali e acolá, narrativas enfocam aspectos peculiares sobre o tema. No seguimento, à poesia popular aclara, versificando, a nossa afirmativa:

“As muié quando se junta,
nego perpare as urêa,
A história que elas assunta
O diabo inté se arrupêa
Guilermana e Filomena,
Dispois qui vem da novena,
Vão falá da vida alêa”⁸

Algumas observações nos ocorrem de imediato após nos divertirmos com a jocosidade do vate popular: 1) a escrita realizada em acordo com a prosódia corrente

⁶ O autor não entra em maiores detalhes sobre estes acontecimentos, tampouco sobre as pessoas citadas, os quais seriam, ao seu compreender, vítimas decorrentes de maledicências.

⁷ OLIVEIRA, Aglae Lima de. Lampião, Cangaço e Nordeste.

⁸ DINIZ, Pompílio. Fuxico De Muié. Disponível em:

<http://poesianordestina.blogspot.com/search?q=As+mui%C3%A9+quando+se+junta>. Acesso em: 07/11/2021.

entre as comunidades sertanejas; 2) a sinalização de costumes religiosos e culturais, como a novena e as reuniões sociais após os cultos de fé, tão comuns nas pequenas povoações e vilas; 3) a prevalência do espírito da época, atribuindo ao sexo feminino o protagonismo da cena doméstica, enquanto os homens, entes mobilizados para as grandes tarefas, figuram passivamente como ouvintes.

Alguns parágrafos acima quando aludimos a origem e temporalidade da tradição do fuxicar, afirmamos ser este um hábito longo, de raízes seminais no convívio social da gente brasileira. Nos afastando da galhofa propiciada pelo poeta, e nos reencontrando com a história do nordeste brasileiro, ao voltarmos uma vez mais a tragédia, encontramos no episódio de Canudos, mostra do quanto o disse-me-disse, venal, engendrado por razões torpes, pode provocar desditas irreversíveis. É o professor José Calasans quem nos informa sobre caso transcorrido na vila conselheirista:

Uma tragédia envolveu Antonio da Mota após o choque de Uauá, em novembro de 1896, entre a jagunçada do Belo Monte e os soldados do tenente Pires Ferreira, comandante da 1ª expedição contra Canudos. Correu o boato que o velho Mota mandara por um positivo avisar à tropa do ataque conselheirista. Era uma inverdade, asseguraram-me sobreviventes da guerra, alguns deles testemunhas da chacina de Antonio da Mota e filhos varões. Foram mortos à luz do dia, defronte do Bom Jesus Conselheiro, que se encontrava fiscalizando as obras da igreja nova. Aterrorizados, os Motas apelaram, inutilmente, para a proteção do amigo e guia. Antonio Conselheiro, embora houvesse mandado suspender o massacre, não foi atendido. CALASANS, 1986, p. 56)

O sucedido aconteceu numa comunidade reconhecida pela religiosidade da sua população, sobretudo, da sua principal liderança, o beato Antonio Conselheiro, mas nem por isso livre do pecado da perfídia. Especulam outros historiadores que a causa real do sacrifício da família Mota, teria sido uma disputa comercial com os irmãos Vilanova, Antonio e Honório, fomentadores da difamação contra as vítimas. Confirma-se desta maneira que não há espaço preferencial para o deslindar da futrica, pois o que é humano, configura-se universal.

INVEJA, SEXO, AMBIÇÃO E CALÚNIAS

Lídia Vieira de Barros Figueiredo, era bela, sedutora. Também alegre, brincalhona, sorridente, assim a descrevem as pessoas que a conheceram. Menina de

18 anos ingressou no cangaço para viver na companhia de um bandoleiro perigoso e temido. Como era praxe nos bandos tornou-se Lídia de Zé Baiano. Passou a ser uma propriedade. Enfeitada com ouro e prata, vestida em tecidos finos, “dengada” por seu homem que lhe limpava a boca com lenços de linho, contudo, no frígido dos ovos, possuía um dono, senhor absoluto do seu corpo e das suas vontades.

Vítima da sua ousadia e coragem Lídia, a mais formosa das cangaceiras, foi assassinada violentamente por seu parceiro, que a matou a pauladas! Flagrada por Coqueiro, outro integrante da malta, em adultério com o bandido Bem-te-vi – o qual fugiu covardemente após o flagrante – ela se recusou a ceder à chantagem do cabra, que exigiu da moça ter um encontro sexual com ela, sob pena de delatá-la a Zé Baiano. Altivamente e mesmo consciente do peso da denúncia, provável sentença de morte, repeliu o chantagista, recusando-se a atender a imposição do mesmo. Coqueiro, desprezado, cumpriu covardemente sua ameaça. Mexericou no ouvido de Zé Baiano a cena por ele presenciada. Deu-se o esperado, o macho traído “lavou sua honra com sangue”, de acordo a consuetude vigente na época. Quanto a Coqueiro, o delator, Lampião encarregou seu cabra Gato de executá-lo, o que foi feito ato contínuo, apenamento atribuído aos delatores de acordo os preceitos dos bandoleiros.

Lídia, a dita mais bela, embora nenhuma imagem sua tenha sido encontrada, pereceu vitimada por fuxico maldoso, deletério, criminoso. Vitimou-a código moral de longa duração na sociedade dos semiáridos, associada a indiscrição odiosa, carregada de perversidade e despeito. Como a proferida por Coqueiro⁹, seu denunciante.

Gilo Donato, proprietário da fazenda Tapera, município de Floresta, Pernambuco, pagou caro a coragem de denunciar às autoridades, Horácio Novaes, vulgo Horácio Grande, integrante de uma família tradicional da região, de furtar animais de sua propriedade. Condenado à revelia por não comparecer ao julgamento, Horácio guardou a raiva e projetou a vingança contra seu inimigo.

Urdu besouragem¹⁰ contra o senhor Gilo, envolvendo no novelo ninguém menos que Lampião. Forjou perversamente uma carta com a ajuda da sua cunhada e da própria mulher, cujo teor continha insultos a Virgulino, imputando a autoria da missiva ao antigo desafeto. Fez chegar o fuxico escrito às mãos do belicoso Rei do Cangaço, o qual tomado de ódio, de imediato deliberou pelo “justiçamento” do suposto traidor. A

⁹ Coqueiro, cujo nome de batismo não identificamos, seria baiano de Várzea da Ema, lugarejo próximo a cidade de Chorrochó.

¹⁰ O mesmo que intriga, mentira, fofoca.

narrativa de José Bezerra Lima Irmão detalha o final apavorante da chacina, após ataque a propriedade dos Gilo:

Na fazenda, Manoel Gilo e seus parentes resistiram até a última bala, até o último laivo de esperança. Quando os cangaceiros notaram que o fazendeiro não dispunha mais de munição, invadiram a casa para liquidar os que ainda estivessem vivos, e mesmo quem já estava morto foi sangrado.

Manoel Gilo foi capturado com vida. Estavam mortos seu pai, seu irmão Evaristo, o cunhado Joaquim Damião e vários moradores da fazenda, ao todo, 12 pessoas. Da família Gilo só escaparam as mulheres, um bebê filho de Joaquim Damião e um dos filhos do velho Gilo, Cassimiro, de 15 anos, que tinha viajado para comparar açúcar e rapadura no Ceará. (IRMÃO, 2015, p. 210).

Já feito prisioneiro, Gilo, ao ver-se frente a frente com Lampião, procurou saber qual a razão daquela represália, sendo informado pelo seu algoz sobre a existência da tal carta, vazada em termos ofensivos a sua pessoa. Mesmo manietado e ferido, o homem assegurou ao Capitão que era analfabeto, arrazoando no mesmo momento o que ganharia escrevendo “uma carta dessa”. No mesmo átimo apontou Horácio Grande que a tudo assistia tenso, como seu real inimigo, reiterando ser ele vulgar gatuno de burros. Temendo ser desmascarado, caso o diálogo entre Lampião e Gilo prosseguisse, Horácio sacou seu parabelo e desfechou um tiro no pescoço do seu desafeiçoado. Percebendo que havia caído numa patranha, o capitão Virgulino Ferreira expulsou Horácio do seu bando. Infelizmente a desgraça já se consumara! O farsante, apesar das evidências, seguiu impune.

O COMPADRE DE MARIA

José Gomes dos Santos, conhecido em sua terra, Jeremoabo, como José da Fulô, era amigo e compadre de Maria Gomes de Oliveira, mais tarde a lendária Maria Bonita. Ao tomar conhecimento, por terceiros, que Lampião havia raptado sua comadre – versão do fato que não correspondia a verdade – imprudentemente passou a desancar a figura do cangaceiro em locais públicos. Como era de se esperar os comentários desaforados de Fulô se difundiram rapidamente e não tardaram em chegar ao saber de Virgulino Lampião, mediante coscuvilhice de um coiteiro, que, inclusive, apimentou a história carregando nas tintas contra o compadre de dona Maria do Capitão. O boquirroto tendo que viajar pelos sertões na luta pela própria sobrevivência

e da sua família – passou a viajar com frequência, visando, comprar e vender bodes e carneiros, já cortados, em muitos lugares, inclusive, na antiga feira de Canudos, na década de 1930, ou seja, na cidade reconstruída após a guerra história de 1896/1897¹¹.

Numa dessas viagens de negócio, Fulô foi pousar no rancho de Antonio Mocó, em terras baianas de Chorrochó. Antonio figurava entre os informantes e coiteiros de Lampião e, naquela zona e recebera instrução do bandoleiro, para aprisionar Fulô se ele transitasse por ali. Dito e feito. O magarefe e, também, feirante, numa das suas passagens pela região, dormiu no rancho do coiteiro, porém, amanheceu com os pés e mãos atados. Desesperado tomou ciência que seria entregue a Lampião. Era o dia 02 de dezembro de 1935, quando foi repassado ao seu algoz, àquela altura sequioso para perpetrar o despique tão ansiado por anos. Entretanto, o inesperado fez uma surpresa: Maria Bonita reconheceu o conterrâneo, parente por compadrio e amigo, arrancando-o do domínio de Virgulino, ao tempo que anuncia sua determinação de salvá-lo. Um tanto atarantado, quanto confuso, Lampião aquiesce com o desejo da sua valente companheira. José de Fulô escapa assim da justiça lampiônica, sumária, fatal e quase nunca reversível.

Dizem que “a língua é a correia do corpo”. O destrambelho verbal de um humilde pai de família, trabalhador e honesto, quase o fez perder a vida, não só pelo seu falatório destemperado, mas também sem dúvida, graças ao disse-me-disse dos numerosos fofoqueiros de plantão!

O escritor e pesquisador Antonio Amaury, cuidadoso, declina o alerta a seguir: “Esse episódio, como já o dissemos, não foi presenciado por nenhum dos cangaceiros com os quais travamos conhecimento durante as nossas pesquisas, pode até mesmo ter ocorrido¹²”. Para nós outros, a situação relatada, fruto da memória ou imaginário da gentarada sertaneja, reafirma a nossa convicção da importância cultural do fuxico, para a compreensão da alma e forma de existir daqueles que viveram e vivem ainda no *hinterland*¹³ brasileiro.

¹¹ Sobre a presença de Zé da Fulô na antiga Vila de Canudos, atuando como vendedor de carne de bode e carneiro retalhadas, na feira do lugarejo, consultamos antigos moradores da atual cidade, que nos revelaram não conhecer ou mesmo ouvir dos seus pais e avós, qualquer referência a esse nome, comerciando seu produto na cidade reconstruída após a Guerra de 1896/1897.

¹² Citação extraída do livro de Antonio Amaury Corrêa de Aaraújo, Lampião. As Mulheres e o Cangaco, p.209. Maiores detalhes nas Referências Bibliográficas, situadas após a conclusão do artigo.

¹³ Palavra inglesa que significa “interior” ou “campo” em oposição à cidade ou litoral.

HOMEM DA LEI FAZ LEITURA PARA LAMPIÃO

Doutor Manoel Cândido da Silva, funcionava como promotor público na cidade de Buíque, interior de Pernambuco, lugarejo que fez notório, porque lá nasceu em 1916, Candeeiro, membro do bando de Lampião, batizado Manoel Dantas Loyola¹⁴.

Homem letrado e observador, gozando evidentemente das prerrogativas da sua função, foi coletando informes sobre a saga cangaceira. Coetâneo com os fatos escreveu e publicou o livro “Factores do Cangaço”, dando seu testemunho e exarando opiniões acerca das atividades dos cangaceiros e das volantes, suas perseguidoras. Certo dia, em viagem para a cidade de Mata Grande, município de Alagoas, Cândido e seu companheiro de viagem, indivíduo por nome Manoel Rodrigues de Carvalho, apodado Né Rico, caíram nas garras do bando chefiado por Virgulino Ferreira, filho do hoje município de Serra Talhada, outrora Vila Bela, estado de Pernambuco. Juntados a outros reféns dos bandoleiros, a autoridade judiciária ouviu seu nome pronunciado alto, por algum dos desafortunados ali presentes, prisioneiros também, despertando instantaneamente a atenção do comandante da gangue, Lampião em pessoa, que de pronto se dirigiu a ele indagando:

- Doutor, **dizem** (grifo nosso) que o senhor escreveu um livro sobre o cangaço. É verdade? – perguntou ao prisioneiro, que demonstrava claramente seu receio pelo que poderia acontecer.
- Sim, é verdade – respondeu o promotor.
- Cadê o livro?
- Está aqui – disse o Dr. Manoel, tirando um exemplar de uma bolsa que portava consigo.
- Então o senhor vai ler agora pra mim, doutor. (ARAUJO, 2011, p. 155/156).

Como não lhe restava alternativa, doutor Manoel pôs-se a ler sua obra, entre apavorado e artiloso, procedeu a leitura saltando as partes inconvenientes que mencionassem seu ouvinte, mas pintando com cores fortes as partes que descreviam as ações policiais, enquanto Lampião, divertido, postou-se ao seu lado na oitiva do texto. Àquela altura os assaltantes já haviam feito uma “revista” geral e surrupiado todos pertences de valor dos demais detentos. Estes, todos pávidos, em virtude da situação na qual se encontravam, presenciaram Dr. Manoel concluir a leitura e encaminhar-se até

¹⁴ Candeeiro faleceu aos 97 anos, no ano de 2013, na sua cidade natal. Esteve em Angico, no entanto, conseguiu evadir-se do formidável cerco policial, que liquidou Lampião, Maria Bonita e mais 09 cangaceiros, em 28 de julho de 1938.

Maria Bonita perguntando-lhe se tinha filhos, antes, dizendo-lhe que tinha uma filhinha para sustentar, ao tempo que invocava a interferência dela, para que Lampião não o executasse. Confirmando ter uma filha e, certamente comovida com o rogo de Cândido, dona Maria fez valer sua autoridade e prestígio com o Capitão. Resumo da ópera: o promotor saiu vivinho da silva do sinistro em que se envolvera involuntariamente.

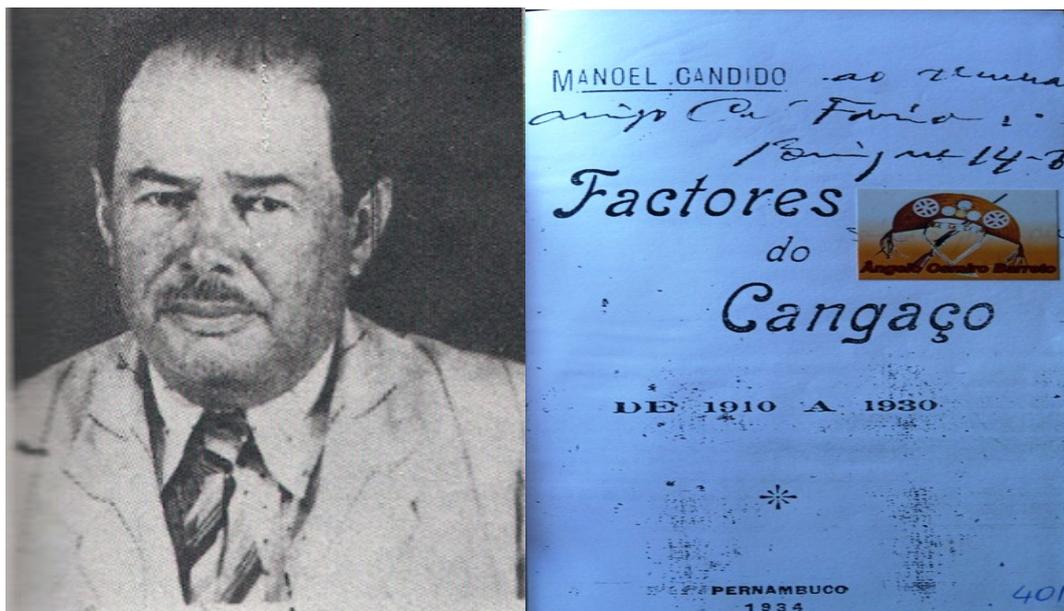


Figura 1. À esquerda Dr. Manoel Cândido. No lado direito sua obra, hoje clássica e rara.¹⁵

Retornando ao ilustre e saudoso Antonio Amaury Corrêa de Araújo, citação bibliográfica compulsória para a grande maioria dos autores que se devotam ao estudo do banditismo nordestino, ele comenta ainda sobre o embaraçoso e constrangedor encontro do fora da lei, o promotor e seus companheiros de detenção provisória:

Não houve, nesse episódio, nenhum dano físico aos que foram aprisionados. O prejuízo que existiu foi o do roubo do dinheiro, de jóias e anéis, além do desconforto moral das vítimas, da tensão em grau máximo que cada indivíduo sentiu por não saber o que aconteceria no minuto seguinte. (IDEM, 2011, p. 157/158).

Sobre-excedo no diálogo entre Lampião e Manoel Cândido, o detalhe do cangaceiro usar o verbo dizer, ao declarar que tomara conhecimento do livro escrito

¹⁵ Fotos copiadas em <https://lampiaoaceso.blogspot.com/2009/11/lampiao-x-promotor-de-justica-manoel.html> e <https://lampiaoaceso.blogspot.com/2011/10/fique-por-dentro.html> respectivamente. Acesso em 20/11/2021, às 10:58 hs.

pela Excelência do Poder judiciário, via o disse-me-disse tão usual naqueles ermos. Ou seja, a bisbilhotice fez chegar a existência da obra, ao principal personagem dela.

CONCLUSÃO

Não é verdadeiro tudo que ouço
Separar o joio do trigo pede esforço
Mas quem come a carne
Deve mastigar o osso.”¹⁶

Não fosse a observância do espaço disponível, determinada pelos editores, em conformidade com a maioria das publicações do gênero, muitos exemplos teríamos a relatar sobre o tema, nem sempre diretos, todavia, percebíveis na sua pertinência com o hábito, cremos, imperecível, de fuxicar, tão entranhado ele se encontra na cultura e no folclore brasileiro. Que o assunto comporta estudos mais profundos, diríamos mesmo científicos e acadêmicos, não nos perturba a menor hesitação

A longevidade histórica, o entranhado dos enredos, suas importunações e, em numeras ocasiões, consequências catastróficas, bem como, a resiliência do uso, nos leva a convicção que a temática comporta profusos e distintos olhares sobre ela. Espelhando o que afirmamos no período anterior, encontramos em Aglae Lima de Oliveira e Alcindo Alves Costa, afirmações convergentes, aproximadas. Entretanto, Alcindo coloca o fuxico como fator da violência social comparando-o a seca, ao banditismo e a consequente ação policial para combatê-lo. Lima, atribui ao ódio malefício acima das secas e das enchentes. Enxergo entre as duas opiniões uma lacuna: a certeza de que o fuxico pode provocar o ódio, assim como, o ódio pode fomentar o fuxico, sendo os dois, por vezes, mortais nas suas resultantes.

Valemo-nos para a elaboração deste texto, da bibliografia geral sobre o cangaço, usando sempre que preciso naturalmente, os informes encontráveis nas redes sociais especializadas ou de conteúdos outros. Confessamos ser de muita valência ambas as consultas, a tradicional e a moderna. Percorremos, jornais da época – dentre eles, o Diário de Pernambuco, Jornal Pequeno, do Recife, Diário da Noite, do Rio de Janeiro e Diário de Notícias, publicação carioca, com sucursais espalhadas em todo

¹⁶ Manoel Neto. Versos Engavetados. Inéditos.

país – de antemão sabedores da diminuta possibilidade de êxito nesta busca, face a opção editorial destes veículos impressos, em noticiar os grandes fatos, prediletamente tragédias notórias pela desmesurada quantidade de sangue a manchá-las, e pelo *frissom*¹⁷ causado no público leitor. Vale dizer que os conteúdos de determinadas reportagens encontradas, embora fornecessem indícios do mal falar, influenciando os desastres descritos, os articulistas passavam batidos por este aspecto, deveras no período, desprezíveis para o enfoque central das matérias, recomendadas para excitar e comover as lágrimas aficionados avulsos e assinantes das folhas.

Incrível é que nos tempos atuais, transportada para a linguagem das redes eletrônicas de notícias e suas imensuráveis possibilidades de divulgação, a futrica permanece na ordem do dia. Nos deparamos numa dessas postagens cibernéticas, com uma jovem modelo desmentindo constrangida, versões disseminadas nestes veículos, atrativos para milhares de assistentes, que não tinha mau hálito. O fato é, sem hesitação, histriônico. A má notícia, para os que abjetam o fuxico, consiste na possibilidade ultra rápida de ele espalhar-se nos quatro cantos do mundo, denegrindo reputações e premiando os seus sempre furtivos disseminadores. Galgou a universalidade!

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO. Antonio Amaury Corrêa de. **Maria Bonita, a mulher de Lampião**. Coleção Gente da Bahia. Alba. Edição 1. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 2011. 280 p.: il.

_____. Lampião. As Mulheres e o Cangaço. Traço Editora. São Paulo, 1985, 399 p. il.

BARRETO. Ângelo Osmiro. **Assim Era Lampião e outras histórias**. Fortaleza: LC Gráfica e Editora, 2012. 238 p.: il.

CALASANS, José. **Quase biografias de jagunços: o séquito de Antonio Conselheiro**. Salvador: UFBA, 1986. 109 p.

CLAUDINO. Nadja. Maria Bonita. **Entre o Punhal e Afeto**. Cajazeiras: Arribação, 2020. 252 p.: il.

¹⁷ Vocábulo de origem francesa, língua muito influente entre os intelectuais, escritores e jornalistas que a usavam com frequência naquela época. Foi, gradativamente, substituída por palavras inglesas, hoje abusivamente utilizadas

HOUAISS. Antonio. et alii. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**.1. Edição. Editora Objetiva. Rio de Janeiro, 2001. 2925 p.: il.

IRMÃO. José Bezerra Lima. **Lampião: a raposa das Caatingas**. 3. Edição. Salvador: JM Gráfica e Editora Ltda. 2015, 736 p.: il.

MONTENEGRO. Abelardo, Fernando. **Fanáticos e Cangaceiros**. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2011, 424 p.

OLIVEIRA. Aglae Lima de. **Lampião, Cangaço e Nordeste**. 2. Edição. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1970. 494 p.: il.